

Os novos tentáculos das Big Techs

Há um oligopólio em rápido crescimento na Inteligência Artificial

Por Eric Posner

Folha de S. Paulo, 10/01/2024

Com os casos antitruste de longa data contra Google, Apple e Amazon se concretizando, muitos observadores pensam que 2024 pode ser um ponto de virada para as Big Techs. No entanto, mesmo que as autoridades prossigam com estes litígios, correm o risco de serem surpreendidas pela ascensão da inteligência artificial, o que provavelmente reforçará o domínio das Big Techs na economia.

A recente demissão e recontração do CEO da OpenAI, Sam Altman, foi interpretada como um conflito entre os cautelosos membros do conselho que se preocupavam com os riscos da IA e entusiastas como Altman. Mas o verdadeiro significado desse episódio foi o que revelou sobre o relacionamento da OpenAI com a Microsoft, o maior investidor nas operações comerciais da companhia. Embora a estrutura sem fins lucrativos da OpenAI signifique que apenas o seu conselho a controla, este foi forçado a recontratar Altman depois que a Microsoft expressou dúvidas que ajudaram a instigar uma revolta dos funcionários.

A Microsoft não é apenas uma investidora na OpenAI; também é sua concorrente. Ambas desenvolvem e vendem produtos de IA, e a Microsoft não adquiriu a OpenAI para evitar problemas antitruste. Mas se a Microsoft controlar ou parcialmente controlar a OpenAI, as duas empresas podem ter uma relação ilegal de conluio. É por isso que a Comissão Federal do Comércio dos EUA e a autoridade da concorrência do Reino Unido estão juntas investigando o assunto.

Esta relação é apenas uma pequena parte de um oligopólio de IA em rápido crescimento. Como documenta recente artigo de Tejas Narechania, da Universidade da Califórnia, e Ganesh Sitaraman, da Universidade Vanderbilt, o poder de mercado é enorme em toda a cadeia de fornecimento de IA. A Nvidia fabrica a maioria dos chips necessários para o desenvolvimento de IA. Amazon, Google e Microsoft dominam a computação em nuvem, que é essencial para armazenar os dados nos quais os modelos de IA são treinados.

Uma vez que essas empresas e a Meta (dona de Facebook/Instagram) estão entre as únicas que podem recolher e armazenar esses dados, são também elas que desenvolvem - e lucram com - os mais importantes modelos e aplicações de IA. Enquanto a Microsoft controla o ChatGPT, juntamente com seus próprios aplicativos proprietários de IA, o Google tem o Bard e, junto com a Amazon, está investindo bilhões na Anthropic (a desenvolvedora do Claude).

Praticamente todas as Big Techs e seus executivos estão ligados através de instituições e redes profissionais. Estas incluem a incubadora de startups Y Combinator (onde Altman atuou como presidente antes de mudar para OpenAI), projetos conjuntos de pesquisa (como uma parceria sobre IA que inclui Google, Facebook, Amazon e Microsoft), conselhos corporativos e relacionamentos sociais. O próprio conselho sem fins lucrativos da OpenAI inclui, ou incluiu, pessoas com conexões com outras empresas que também desenvolvem produtos de IA. Um dos seus membros fundadores, por exemplo, foi Elon Musk, que se demitiu muitos anos atrás.

Big Techs se parecem agora aos bancos na sua influência na economia, mas em um nível muito maior. Com acesso aos dados, sabem mais sobre o comportamento dos consumidores e das empresas e exercem mais controle sobre eles do que os bancos jamais o fizeram

Essa rede de estreitas ligações cria significativas oportunidades de conluio (o que é ilegal) ou coordenação (o que é legal, mas ainda assim ruim para os consumidores). Mas com o público focado nos abusos do poder de monopólio, as pessoas ignoraram as muitas formas como as Big Techs conseguem conspirar entre si para alargar seu poder de mercado.

Esses mastodontes têm uma longa história desse comportamento. Em 2010, vários deles resolveram um caso, aberto pelo Departamento de Justiça, no qual foram acusados de concordar em não contratar engenheiros uns dos outros. Em e-mails, Steve Jobs repreendeu Eric Schmidt por permitir que o Google contratasse funcionários da Apple, e Schmidt ordenou que um subordinado demitisse um recrutador “verbalmente” para “evitar um rastro de papel”.

Num caso em curso que contesta o domínio do Google nas pesquisas, o tribunal ouviu provas de que a empresa havia pago à Apple pelo estatuto de default sobre o iPhone, com o possível objetivo de manter a rival fora do mercado que o Google monopoliza. Em outro caso por monopólio de publicidade digital, o Departamento de Justiça dos EUA alega que o Google teria pago o Facebook para evitar um desafio ao seu domínio nesse segmento.

A Apple já foi flagrada orquestrando um esquema de conluio entre editoras de livros. E quando os funcionários da OpenAI ameaçaram ir para a Microsoft após a demissão de Altman, eles estavam na verdade tentando forçar a venda da empresa. Foi mais um tipo de conluio para realizar uma fusão que violaria o espírito, e possivelmente o teor, da lei antitruste.

As acolhedoras relações entre executivos de tecnologia lembram o “truste monetário” da Era Dourada dos principais bancos que forneciam capital aos gigantes industriais da época e eram coniventes com eles e entre si. Seu poder extraordinário levou à legislação antitruste, à regulamentação (incluindo a criação do Federal Reserve em 1913) e, finalmente, a leis que quebraram os bancos, restringiram seu envolvimento na propriedade de empresas e limitaram suas operações (na década de 1930). Ao contrário de uma empresa petrolífera ou ferroviária,

os bancos estão em posição única para impulsionar a consolidação em toda a economia, porque podem usar sua alavancagem financeira sobre praticamente todas as empresas em diversos setores para controlar seu comportamento, inclusive pressionando por fusões.

As Big Techs assemelham-se agora aos bancos na sua influência em toda a economia - mas em um nível muito maior. Por meio de seu acesso aos dados, sabem mais sobre o comportamento dos consumidores e das empresas e exercem mais controle sobre eles do que os bancos jamais o fizeram. Fornecem insumos vitais às empresas de toda a economia, bem como produtos e serviços a quase todos os consumidores. Nenhum banco jamais teve tal alcance.

Não é de admirar que empresas tecnológicas também estejam substituindo instituições financeiras em posições de comando na economia. Como comentou um arrependido financista no Financial Times, as Big Techs têm consistentemente deixado de lado as instituições financeiras na corrida para comprar empresas de IA. Não só as seis maiores empresas sediadas nos EUA (por capitalização de mercado) são de tecnologia, mas a menor entre elas (Meta) tem quase o dobro do tamanho do JPMorgan. As sete principais empresas de tecnologia representam agora 30% de todo o S&P 500, mesmo quando no seu apogeu de domínio do mercado na década de 1920, o sistema bancário representava apenas 16-19%.

Os cartunistas da era inicial do antitruste retrataram as ligações entre os bancos e os monopolistas da economia real como tentáculos de polvo, que cercavam e comprimiam tanto os políticos quanto os consumidores. Se a IA cumprir a promessa e se tornar a força vital de todos os setores da economia, podemos esperar um futuro de concentração econômica e de poder político empresarial que supera tudo o que já existiu antes. **(Tradução de Anna Maria Dalle Luche)**

Eric Posner é professor da Faculdade de Direito da Universidade de Chicago e autor de How Antitrust Failed Workers. Copyright: Project Syndicate, 2024. www.project-syndicate.org